

PNLD NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE APAGAMENTO DAS PEDAGOGIAS DAS E PELAS INFÂNCIAS: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Helenara Plaszewski¹
Elisa dos Santos Vanti²

RESUMO

O presente trabalho trata de uma revisão crítica inicial acerca do edital do Plano Nacional do Livro Didático para a Educação Infantil ocorrido em 21 de maio de 2020 que mobilizou as escolas infantis e as prefeituras para a sua adesão ou rejeição nos meses de agosto e de setembro de 2021. O texto apresenta alguns argumentos que não recomendam a adoção do objeto Livro Didático para as crianças na Educação Infantil. A rejeição ao objeto Livro Didático também inclui as turmas de crianças mais velhas que estão cursando as classes de 4 a 5 anos de idade nomeadas pela LDB 9394/96 como “Pré-escolares”. Para tanto, o texto traz argumentos distribuídos em 5 (cinco) categorias: Imobilidade e Emparedamento; Descontextualização Prescrita do Currículo; Conteúdo Prét – a – Porter; Distorções Ideológicas e Visuais e Abordagem Antidemocrática.

Palavras-chave: PNLD de Educação Infantil; Livro Didático; Formação de Professores para a Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

É inacreditável ler as expressões: PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e Educação Infantil na mesma frase, no mesmo título. Mas, são tantas as coisas inacreditáveis que nos tem atropelado ultimamente. Não apenas por causa da Pandemia em si, mas, especialmente, por causa de tudo que ela trouxe consigo: luto, desesperança, isolamento, aprofundamento, reinvenção, etc. Diante desse cenário violento e múltiplo em que vivemos é que - comparativamente – o edital do PNLD na Educação Infantil, lançado em maio de 2020 - pode parecer, para algum desavisado, um detalhe inofensivo. No entanto, não tem nada de inofensivo, ao contrário. O edital que inclui a Educação Infantil nesse programa chegou sorrateiro e de repente explodiu no nosso colo e exigiu que tornássemos público e definitivo nosso posicionamento totalmente desfavorável à adoção do Livro Didático na Educação Infantil e absolutamente favorável às Infâncias e as Pedagogia das pelas infâncias que acontecem na complexidade dos contextos relacionais e interativos onde as crianças e os

¹ Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, helenaraf@yahoo.com.br;

² Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, elisa_vanti@hotmail.com

adultos são co-contrutores de conhecimentos, identidades e de culturas (DALGHERBERG, MOSS e PENCE, 2016). Parto da ideia de que o PNLD na Educação Infantil e as infâncias e Pedagogias das e pelas Infâncias não têm como coexistirem em uma mesma prática discursiva e menos ainda, em um mesmo cotidiano relacional concreto da escola infantil.

Essa discussão nos remete aos efervescentes anos 80. Naquela época, as pesquisas já apontavam as distorções ideológicas inseridas nos conteúdos dos Livros Didáticos para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Já existiam denúncias relativas à lógica das classes dominantes sobre a lógica das classes subalternas e a prepotência da cultura elaborada que se impunha à cultura primeira dos desfavorecidos, que não tinham voz e nem vez que persistiam inseridas de forma implícita ou explícita nos textos e imagens contidos dos livros Didáticos (LDs). Foi crescente a produção de estudos relativos a política pública do livro didático, tais como: a pesquisa de Oliveira, Guimarães e Bomény (1984) e Freitag, Motta e Costa (1989) e as pesquisas acerca da ideologia presente nessas obras, produzidas por Faria (1986) e Molina (1987). Muitos estudantes de Pedagogias e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental do período contavam com esses argumentos das pesquisas aqui citadas para poderem rejeitar veementemente o Livro Didático e não sucumbir ao seu encantamento falacioso.

Para fazer frente ao livro didático, quem o rejeitasse preferia criar outros dispositivos, esses sim de aprendizagem significativa, produzindo com as crianças as próprias cartilhas, livros da vida, jornais escolares com os textos das próprias crianças e outras experiências inventivas do gênero é o que podemos verificar ao analisar os incontáveis relatos de experiências pedagógicas apresentados em eventos nacionais de Educação no país que sempre primaram em oferecer testemunho ao fazer pedagógico alternativo a *educação bancária* e aos processos transmissivos da cultura escolar tradicional. Nestes moldes é um processo de transmissão de informações, de forma acrítica e não reflexiva, do professor para os alunos. A ênfase no processo de ensino-aprendizagem é na memorização de conteúdos. Estes “passados” para os alunos de forma a-histórica, a-temporal e descontextualizada. Esta postura pedagógica foi denominada por Freire (1983) de educação bancária: “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1983, p.66) - e os conteúdos, o depósito.

Essa perspectiva identificada como educação tradicional, o aluno chega à escola com a ‘cabeça vazia’, cabendo ao professor colocar-lhe um conjunto de conhecimentos já constituídos; pode identificar-se a atuação do aluno a partir de verbos como receber, guardar, memorizar e arquivar, o que não produz significados e conhecimento.

Então, a partir dessas compreensões apresentamos objetivo do presente trabalho que trata de uma revisão crítico inicial acerca do edital do Plano Nacional do Livro Didático para a Educação Infantil ocorrido em 21 de maio de 2020 que mobilizou as escolas infantis e as prefeituras para a sua adesão ou rejeição nos meses de agosto e de setembro de 2021. O texto apresenta alguns argumentos que não recomendam a adoção do objeto Livro Didático para as crianças na Educação Infantil. A rejeição ao objeto Livro Didático também inclui as turmas de crianças mais velhas que estão cursando as classes de 4 a 5 anos de idade nomeadas pela LDB 9394/96 como “Pré-escolares”. Para tanto, o texto traz argumentos distribuídos em 5 (cinco) categorias: Imobilidade e Emparedamento; Descontextualização Prescrita do Currículo; Conteúdo Prét – a – Porter; Distorções Ideológicas e Visuais e Abordagem Antidemocrática.

ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

A escolha de uma abordagem para a realização de um estudo pressupõe a seleção de um determinado percurso que mais se aproxime dos propósitos em vista, que somente ganharão sentido quando articulados com a problemática em questão. Para tal, há necessidade de constante vigilância, direcionando o olhar como o de um professor-pesquisador que busca na pesquisa possibilidades de resposta às indagações e inquietações de sua realidade. Empregamos as palavras de Freire (1994, p. 29): “pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. O que diz Freire entrelaça-se com as ideias de Minayo (1994, p.17):

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação, ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.

Essas compreensões de pesquisa é vista por nós como um processo de produção de conhecimento para interpretar um fato que nos inquieta e nos move a querer saber mais, a fim de buscar transformar o contexto em que estamos inseridas.

Nessa linha, acreditamos que a pesquisa deve ter uma função social, pois não há um conhecimento que aconteça distanciado de uma realidade. Isso significa dizer que a pesquisa é “o comprometimento da ciência como prática social do conhecimento”, conforme conceitua Santos (1995, p.14), entendendo que a prática reflexiva torna a teoria mais produtiva porque, utilizada para a explicação da própria prática, coloca-se a serviço de uma construção da realidade, ou seja, atribui caráter social à pesquisa.

Dessa forma, tão importante quanto a reflexão mais teórica das proposições que se pretende seguir, é descrever a forma investigativa para a qual se encaminhou a pesquisa, a fim de que a compreensão de mundo e a busca dos significados tornem-se a ação prática do modo de pensar e agir sobre o mundo compreendido.

Então, a pesquisa é de abordagem qualitativa, que ela é suficiente para dar conta de explicar a realidade social, pois advoga a favor das especificidades, do singular, ou seja, leva em conta as particularidades e potencialidades de um fenômeno. E, tem como fonte a pesquisa documental do edital e das coleções de livros didáticos da editora FTD para educação pré-escolar, em nível exploratório (SEVERINO, 2016).

ADESÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO PNLD: QUEM GANHA COM O LD

Por reconhecermos que o problema do Livro Didático era da esfera das preocupações dos anos iniciais do EF (Ensino Fundamental), os motivos que me fazem rejeitar a inclusão da EI (Educação Infantil) no PNLD são, pra nós, óbvios. No entanto, diante dos últimos acontecimentos (publicação do edital do PNLD/2022 para a Educação Infantil) resolvemos organizá-los em 5 (cinco) tópicos de argumentos que acreditamos, podem ajudar a fortalecer os discursos de resistência e rejeição à essa política. E assim os nomeamos:

1. Imobilidade e Emparedamento
2. Descontextualização Prescrita do Currículo
3. Conteúdo Prét – a – Porter
4. Distorções Ideológicas e Visuais
5. Abordagem Antidemocrática

Primeiro Argumento – Imobilidade e Emparedamento da Infância – O livro didático nos parece ser mais um motivo, um pretexto, dentre tantos outros que já existem na atualidade, para prolongarmos a imobilidade da criança e o emparedamento da infância (BARROS, 2018; LOUV, 2016). É extremamente preocupante que mesmo depois de cerca de mais de 18 (dezoito) meses de confinamento doméstico e distanciamento das crianças das escolas por conta da Pandemia, seja isso – Livros Didáticos - que vamos oferecer às crianças? É mais do mesmo. Mais isolamento, mais passividade, mais distanciamento. O Livro Didático com tarefas prescritivas se torna uma violência contra a criança que não pode se defender. As tarefas do livro roubam seu tempo de brincar, de explorar, de aprender com o corpo inteiro. É a vitória para o sedentarismo, a obesidade, o isolamento emocional, a síndrome de déficit de natureza.

Segundo Argumento – Descontextualização Prescritiva do Currículo – O Livro Didático é mais um motivo para dar músculo a essa descontextualização própria do currículo prévio. Ou seja, ao invés de estarmos ocupadas (os) com registros e produção de documentação pedagógica que mostrem os percursos realizados pelas crianças em suas aprendizagens contextualizadas, localizadas, datadas e interativas (FOCHI, 2019; OLIVEIRA-FORMOSINHO e PASCAL, 2018); estamos nos ocupando com a crítica à adoção dos Livros Didáticos, que já há muito tempo sabemos que oferecem conteúdos e atividades que não dialogam com as crianças e as suas culturas, que não foram escolhidos por elas (crianças) que não são produzidos por elas, ou ainda que não foram elaborados a partir delas ou a partir do que elas fazem ou pensam (ZABALZA, 1998). Além disso, é fato que as áreas de linguagem escrita, leitura e ensino dos números ocupam um lugar de destaque nas tarefas dos LD e de forma fragmentada. As demais áreas do conhecimento são negligenciadas e com muita sorte estão relegadas a uma posição de segunda ou até de terceira categoria (ALBUQUERQUE e SILVA, 2017).

Terceiro Argumento – Conteúdo Prêt-à-porter - O Livro Didático privilegia o conteúdo pronto para ser consumido por todos – de forma urgente, em detrimento do conteúdo que emerge da observação das crianças, da escuta sensível e ativa do adulto em relação às necessidades e aos interesses das crianças. O Livro Didático privilegia a redução, a simplificação, o conteúdo pronto e a atividade automática que minimizam a ação da criança ao invés da experiência relacional e de aprendizagem criativa.

No entanto, é na experiência do brincar em diferentes contextos interativos de forma compartilhada que as crianças acionam a espiral da aprendizagem criativa – é nesses contextos que elas imaginam, criam, brincam, compartilham esse brincar, elas refletem sobre a experiência e voltam a prancheta para retornar a imaginar, criar, brincar, compartilhar, refletir e assim - sucessivamente expandindo essa espiral. Essa espiral promove o desenvolvimento de um pensamento complexo crítico que reflete que investiga, que ressignifica o mundo (RESNICK, 2020; HOYUELOS e RIERA, 2019).

A espiral da aprendizagem criativa, segundo Resnick (2020), emerge em um contexto múltiplo que propõe materiais inteligentes que suscitam projetos apaixonantes gerados em comunidade aprendente, onde se pensa e se cria ludicamente com seus parceiros.

Essa aprendizagem criativa experiencial precisa de tempo para ser gestada – ela mobiliza a criança que demonstra uma concentração bem mais alargada do que o tempo de 20(vinte) minutos que se costuma dizer que ela tem como limite para sua concentração em uma tarefa (FOCHI, 2018). Imersa na espiral da aprendizagem criativa e experiencial a

criança permanece ali sem sentir o tempo passar. Com a atividade e o conteúdo pronto para consumir próprios do Livro Didático - vamos permitir que a quantidade se sobreponha à qualidade – pois, afinal, quantas páginas de atividades prontas do Livro Didático a criança pode preencher no mesmo período de tempo que se detém a criar brincando?

Quarto Motivo – Os livros didáticos costumam ter o potencial vibrante para privilegiar as distorções ideológicas e visuais - naturalizando o sexismo, o racismo, o elitismo em detrimento da diversidade e da complexidade. Corremos o risco de perpetuarmos preconceitos estruturais na nossa sociedade em uma mente absorvente como a da criança de até 6(seis) anos de idade, conforme afirma Montessori , onde as primeiras impressões, chegam para ficar e as concepções construídas nessa fase são difíceis de desconstruir nos períodos posteriores . Igualmente, corremos o risco de naturalizar estereótipos visuais pois, quanto às ilustrações, em geral, é recorrente nos Livros Didáticos, o uso de imagens e desenhos que refletem uma “infantilização” da criança feita pelo adulto (ao invés de usar imagens realísticas ou desenhos produzidos pelas crianças) o que influencia negativamente no desenvolvimento estético e da criatividade infantil (ABRANOWICH e TEBET, 2019; DAHLBERG, MOSS e PENCE, 2016; LILLARD, 2017).

Quinto Motivo – O livro didático privilegia uma abordagem Antidemocrática por que:

- 1- Privilegia apenas a Pedagogia Transmissiva e o professor tradicional em detrimento das Pedagogias Participativas e dos professores progressistas e participativos;
- 2- Privilegia a heteronomia em detrimento da autonomia da criança.

E por que é importante resistir a isso: as Pedagogias Transmissivas e a heteronomia das crianças? Porque se vamos fazer frente aos desmandos prepotentes dos nossos governantes precisamos garantir a vida democrática no presente para nós e para as crianças que convivem conosco na escola.

Crianças precisam de opções. Sem opções, sem democracia. As crianças precisam ter oportunidades de escolha: o que brincar, como brincar, para imaginar a vontade, construir, explorar, registrar, comunicar. Para escolher precisamos ter alternativas, variedade. O Livro Didático reduz essas alternativas e facilmente pode se sobrepor a qualquer outra proposta (OLIVEIRA – FORMOSINHO J. e ARAUJO, 2013).

Desse modo, o LD (Livro Didático) continua sendo uma prática antidemocrática porque no que se refere aos professores: apenas os professores transmissivos são contemplados com o PNLD enquanto que para os professores progressistas, nada é oferecido. Muito pelo contrário, em algumas “SMEDs” (Secretarias Municipais de Educação) os professores de Educação Infantil que não optarem pela adoção do uso do LD em suas turmas

(prevista no edital) - terão de elaborar uma justificativa bem fundamentada para a sua recusa (se isso não for “prepotência”, então não sei mais o que essa palavra significa). Se a gestão realmente é democrática, como se autoproclama - é preciso que se reconheça que o professor das Pedagogias Participativas também precisa ser incluído nas políticas públicas e que essas políticas públicas têm de dialogarem com suas reivindicações e expressarem as suas causas, as suas pautas participativas e progressistas, igualmente como têm feito com as pautas dos professores transmissivos.

Atualmente, temos um grupo considerável de professores da Educação Infantil que vem entendendo que a experiência das crianças na EI não cabe em uma folha A4. As pautas dos professores progressistas e participativos são outras. Eles rejeitam os editais do PNLD. Ao mesmo tempo em que sonham com editais que contemplem outras prioridades, como por exemplo: - aquisição de mobílias adequadas às interações infantis, de brinquedos e blocos de construções para as suas salas referências, equipamentos para brincadeiras ao ar livre, etc. Ou ainda, editais que venham a garantir: as aulas passeio, o cultivo de uma horta na escola, um paisagismo multissensorial indoor e/ou outdoor para uma Educação Infantil mais próxima da natureza, entre muitas outras possibilidades... Porque, enfim, as alternativas ao LD na educação do 0 aos 6 anos são inúmeras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então a gente se pergunta: quem ganha com LD na EI? Como vimos, as crianças é que não ganham (e elas deveriam ser consultadas a esse respeito). Os únicos segmentos que ganham com a adesão da EI ao PNLD são:

- 1 - as editoras e seus autores pois, os lucros serão absurdos;
- 2 - o governo porque seu programa vai ao encontro das expectativas e a ansiedade daquelas famílias que acreditam ou que com a Pandemia passaram a acreditar que a função da Educação Infantil deve ser a de, simplesmente, preparar as crianças para a alfabetização. Isso reforça a ideia adultocêntrica de que - a alfabetização é que vai enfim libertar a criança de sua infância (desnecessária) e vai transformá-la de uma vez por todas em “aluno”.

E as famílias? As famílias ganham ou perdem com o PNLD na EI? As famílias, nesse caso não ganham, as famílias perdem. São inocentes úteis nesse processo de apagamento das Pedagogias das e pelas Infâncias.

Elas perdem no curto, médio e no longo prazo.

Especificamente no curto prazo porque, imaginemos a situação, depois de mais um dia de trabalho, a criança é “resgatada” da escola infantil do Livro Didático e trazida para casa pelos adultos responsáveis por ela depois de passar várias horas se dividindo entre atividades de rotina e preenchimento de páginas e páginas de atividades do Livro Didático. Passou boa parte de seu dia imobilizada, sentada, talvez com exceção de alguns minutos de recreio. Essa criança está com as baterias carregadas e talvez algo irritada, enquanto os adultos estão exauridos e possivelmente irritados e é aí, acontece o reencontro. No momento do reencontro entre adultos e crianças existe esse descompasso, essa defasagem que provavelmente tem um considerável potencial de gerar um significativo conflito entre gerações (NELSEN, LOTT e GLENN, 2017).

No médio prazo, as famílias perdem com a adoção do LD pela EI porque ao privilegiarem uma educação acadêmica precoce, reprodutivista acabam por afastar ainda mais as crianças desse tipo de estudo. Pelas sucessivas experiências negativas enfadonhas das atividades descontextualizadas dos livros didáticos existe a possibilidade de predispor as crianças ao estudo e autodidatismo no presente e no futuro próximo e distante. Assim, as crianças irão criando uma resistência a esse tipo de tarefa acadêmica e a esse comportamento submisso diante dos estudos escolares, podendo vir a rejeitar a instrução programática da escola e apresentar dificuldades de aprendizagem nos anos escolares posteriores. Daí que essa “preparação” das crianças da EI para os anos iniciais do EF vai dificultar a sua escolarização ao invés de facilitá-la (KATZ e CHARD, 1997).

No longo prazo, as famílias também perdem por terem privado seus filhos de uma educação das e pelas infâncias (Pedagogias Participativas) – ou seja - que entendem as crianças como protagonistas, potentes, capazes. Essas abordagens - comprovadamente por resultados de pesquisas longitudinais (DAHLBERG, MOSS e PENCE, 2016) - têm tipo impacto positivo no desenvolvimento pessoal e profissional das crianças que conviveram com elas durante os anos da Educação Infantil. Com a adesão de uma educação pré-escolar acadêmica, transmissiva, convencional, nos moldes do ensino reprodutivista próprio dos Livros Didáticos, as famílias estão na verdade condenando seus filhos (e os professores transmissivos condenando as crianças de seu grupo) à pobreza e ao desemprego visto que a sociedade atual da informação precisa de adultos que saibam criar projetos, que se envolvam com paixão livremente (RESNICK, 2020) atributos que não são resultados das práticas transmissivas empoderadas pelo Livro Didático.

Para finalizar serve o alerta: se a Educação Infantil das Pedagogias Participativas ou Pedagogias das Infâncias e pelas Infâncias tem sido o lugar e o tempo na nossa sociedade

onde os professores participativos e progressistas lutam para que se mantenha como uma reserva das infâncias, onde é permitido à criança - a ser criança do seu jeito, o PNLD para EI é um golpe aniquilador que vem sequestrar de forma violenta essa possibilidade. Ele é o carro chefe de um processo de apagamento das Pedagogias das Infâncias e pelas Infâncias. É um caminho sem volta pois, se permitirmos ingenuamente, que ele se instale e se acomode em nossas práticas cotidianas, será muito mais difícil reverter esse processo avassalador e desconstruir esse “legado adultocêntrico” na vida das nossas crianças no futuro. Por favor, resistam ao Livro Didático na Educação Infantil, sem culpa.

REFERÊNCIAS

- ABRANOWICH, A. e TEBET, G. (org.) **Infância e Pós-estruturalismo**. São Carlos: Pedro e João, 2019.
- ALBUQUERQUE, A. P. e SILVA, T. da. O Uso do Livro Didático na Educação Infantil: letramento ou alfabetização em foco? **Horizontes Revista de Educação, Dourados – MS, v. 5, n. 10, p. 5-22, jul./ dez. 2017. FAED – UFGD.**
- BARROS, M^a I. **Desemparedamento da Infância**. A escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Criança e Natureza e Alana, 2018.
- DAHLBERG G.; MOSS P.; PENCE, A. **Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Penso, 2016.
- Edital do PNLD/2022** para a Educação Infantil. Disponível em:
<<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/13526-edital-pnld-2022>> Acesso em: 20 set. de 2021.
- FARIA, A. L. G. de. **Ideologia no Livro Didático**. 4. ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1986.
- FOCHI, P. **A Documentação Pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento Praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil-OBECI**. São Paulo: USP, 2019.
- _____. **O Brincar Heurístico na Creche: percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil- OBECI**. Porto Alegre: Paulo Fochi, Estudos Pedagógicos, 2018.
- FREITAG, B.; MOTTA, V. R.; COSTA, W. F. da. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

- HOYUELOS, A. e RIERA, M^a A. **Complexidade e Relações na Educação Infantil**. São Paulo: Editora Phorte, 2019.
- KATZ, L. CHARD, M. **A Abordagem de Projecto na Educação da Infância**. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- LILLARD, P. P. **Método Montessori: uma introdução para pais e professores**. São Paulo: Ed. Manole, 2017.
- LOUV, R. **A Última Criança na Natureza**; Resgatando as Crianças do Transtorno de Déficit de Natureza. Aquariana Editora, 2016.
- MOLINA, O. **Quem Engana Quem?** Professor x livro didático. Campinas, Papirus, 1987.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NELSEN, J., LOTT, L e GLENN, H. S. **Disciplina Positiva na Sala de Aula**. São Paulo: Manole, 2017.
- NOSELLA, M. L. C. D. **As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos**. São Paulo: Moraes, 1981.
- OLIVEIRA, J. B. A., GUIMARÃES, S. D. P. e BOMÉNY, H. M. B.. **A Política do Livro Didático**. São Paulo: Summus, 1984.
- OLIVEIRA- FORMOSINHO, J. e PASCAL, C. **Documentação Pedagógica e Avaliação na Educação Infantil: um caminho para a transformação**. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO J. e ARAUJO, S. B. **Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche**. Portugal: Porto Editora, 2013.
- PNLD 2019: Apresentação - guia de livros didáticos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018c, 57 p.
- RENISCK, M. **Jardim de Infância para a Vida Toda: por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos**. Porto Alegre: Penso Editora, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as Ciências**. Lisboa: Afrontamento, 1995.
- SEVERINO, A. J.. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Cortez, 2016.
- ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.